

RelevO

agosto/2021, n. 12, a.11

- Periódico literário independente
- feito em Curitiba-PR desde set/2010
- ISSN 2525-2704



Gilberto Marques

Assine/Anuncie: O RelevO

não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O RelevO recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O RelevO recebe ilustrações. O RelevO recebe fotografias. O RelevO aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações desta edição foram cedidas pela Casa Artes Visuais. Você pode conferir mais do trabalho deles em casaartesvisuais.art.br.

DOS CUSTOS DA VIDA

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:

R\$ 400 Rafael Schoenherr; R\$ 300 Celso Martini; R\$ 200 Maris Stelmachuk; Aginaldo Severino; R\$ 180 Lucas Leite; R\$ 120 André Andrade; Glauco Mazrimas; Yan Pereira Rego; Carolina Bataier; R\$ 107 Maria Fernanda Elias Maglio; R\$ 105 Rosana Chrispim; R\$ 100 Thais dos Santos Pires; Rafael Guimarães; Marina De Souza Domingues; Cymara Scremin; Ester Gehlen; Leonardo Barroso; Cristian Rodrigues Tenório; Rafael Jannarelli; Ane Montarroyos; Karoline Thatiane Biavatti; Banca Terceiro Mundo; R\$ 80 Bárbara Will; Gabrielle Koster; R\$ 75 Mário Stringhini; Luciana Annunziata; Vicky Amato; Paulo Parucker; Zaclis Veiga; Liana Machado; R\$ 70 Tiago Suchodolak; R\$ 60 Susanne Werhs Panagoulis; Guímel Bilac; Márcia Arantes; Richard Plácido; Adriana Baggio; Jordana Machado; Ricardo Leão; Maria Clara Lima e Silva; Gabrielle Dal Molin; Iara Amaral; Murillo Medeiros; Igor Isume; Leopoldo Comitti; Alexandra Vieira de Almeida; Felipe Gollnick; Valeska Brinkmann; Natalia Silveira Pureza; Paulo Souza; Zeh Gustavo; Vitória Tinoco; Rafael Waltrick; Yuri Campagnaro; João Pedro Teles; Daniela Athuil; Álvaro Fonseca Duarte; Eduardo Pereira de Souza; Edmilson Borret; Mayara Cirico; Conrado Gonçalves; Fernanda Schimanski Bernardes; Ademilson Filocreão Veiga; Jessica Carvalho; Darlan Jevaer Schmitt; Leonardo Motta Tavares; Viriato Gaspar; Céline Bernard; Juliana Amorim; Piotr Kilanowski; Pedro Mohallem; R\$ 57 Anderson Bonatto; Rosemary Alves; R\$ 55 Mauro Guidi-Signorelli; R\$ 50 Mariana Sato dos Reis; R\$ 47 Rafael dos Santos Pereira; R\$ 30 Bruna Machado.

TOTAL: R\$ 6.388

ANUNCIANTES:

R\$ 280 Editora Penalux; R\$ 200 André Giusti; William Soares; R\$ 150 Whisner Fraga; R\$ 120 Teresa Silva; R\$ 100 Oribê Editorial; R\$ 60 Rômulo Cardoso; R\$ 30 O Alienígena.

TOTAL: R\$ 1.120

(-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 1.000
Escritório: R\$ 260
Embalador: R\$ 50
Autores e ilustradores julho: R\$ 500
Autores e ilustradores retroativo: R\$ 840
Editor: R\$ 1.200
Editor-assistente: R\$ 300
Serviços editoriais: R\$ 400
Mídias sociais: R\$ 250
Diagramação: R\$ 120
Infografia: R\$ 60

(-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 400
Correios: R\$ 2.070

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 30

(+) Entradas totais: R\$ 7.508

(-) Saídas totais: R\$ 7.485

(=) Resultado operacional: **R\$ 23**

Agosto/2021

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Osny Tavares
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 3.000

Edição finalizada em 26 de julho de 2021.

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Bruno Meirinho
Celso Martini
Cezar Tridapalli
Morgana Rech
Felipe Harmata
Jacqueline Carteri
Osny Tavares
Whisner Fraga

IDEIAS

Paulo Lannes Bom dia! Sem querer meter meu nariz onde não sou chamado, mas já fazendo isso... Por que vocês não fazem uma campanha de financiamento coletivo ou colocam a assinatura do Jornal dentro de alguma dessas plataformas virtuais, como o Catarse? Daí o projeto de vocês fica mais em evidência, talvez... as pessoas poderão ver exatamente o trabalho que vocês fazem e acompanhar o progresso dele em vez de receber e-mails... Digo isso porque estruturei minha editora por meio de financiamento coletivo e hoje tenho um clube de leitura por assinatura também no mesmo modelo. A proximidade com os leitores me ajudou muito nesse meio. Se quiserem conversar sobre, me avisem que a gente bate um papo. Se não, tudo bem também! Desejo o melhor a vocês e ao Jornal. Até mais.

POSITIVIDADES

Jesse Osborne Autocuidado é:

- Não assistir mesas-redondas de futebol
- Não passar réveillon em Itanhaém
- Assinar o **RelevO**
- Evitar prensado
- Emprestar dinheiro pra cunhado com *cashback*
- Comer sempre que possível a pizza do Polpettas

TÁ BARATO

Diego Gomes Morais Tarde de terça-feira e os Correios chegam com essa maravilhosa surpresa que é o **RelevO** para alimentar a minha fome de cultura e conhecimento. Super indico assinatura, baratíssima, por apenas 60 reais ao ano, e o conteúdo é maravilhoso, cinema, música, literatura...

UPDATE

Diego Gomes Morais Olha que maravilha que acabou de chegar por meio do delivery dos Correios: a nova edição do **RelevO**, meu fast-food cultural, recheado de arte, literatura, filosofia, cinema, música.. com muito molho e sabor de conhecimento. Vale muito a pena alimentar o seu cérebro. Exemplar devorado e na espera do próximo!

Iata Anderson Recebi hoje, quando saía para o trabalho, um envelope de vocês, continha a edição atual, acrescida das edições de julho de 2020 e março de 2021. Trouxe o envelope para o trabalho e meu único lamento é o breve horário de almoço. Amo as ilustrações, os textos e a gama de pessoas que descubro nestas páginas. Por ora, por não ter lido tudo, parabeno a vocês pelo editorial “Casaco Marrom”. Muito obrigado. Rumem.

Bárbara Will Gente, que lindeza o trabalho de vocês!

Natasha Costa Feedback da edição de dezembro: muito foda. Achei muito, muito boa!

Rojefferson Moraes E parabéns mais uma vez pela garra. O jornal tá cada vez mais lindo.

Fernando Maroja Muito interessante a matéria sobre as múmias! O jornal está de parabéns!

PRESENTE OU FARDO

André Andrade Jornal, sempre achei que, para as cartas dos leitores, seria mais legal uma carta mesmo ou email, mas, se me permitem, gostaria de escrever um apelo publicitário aos leitores: presenteie com uma assinatura do **RelevO**. A pessoa vai lembrar de você todo mês. Ótimo para presentear quem você gosta e inconveniente para pessoas que você não gosta.

Carlos Pontes Tenho uma assinatura de livros e prometi para mim mesmo que ia evitar outros gastos nesse semestre haha, mas confesso que olhei rapidamente o Instagram do Jornal e achei muito interessante o material, tanto na estética quanto no conteúdo. Assinei.

Renata Vivacqua Esse seu jornal é muito legal. Sua escrita me aconchega. E a pergunta que não quer calar é a da sessão de cartas do mês passado: *VERDADES*
Jonas Accioly Não entendo a vibe de vocês, não irei assinar.
Vocês perguntaram o porquê? E o título que vocês deram pra essa sessão de descarrego me intrigou. Um beijo
Da redação: Não vivemos, jamais, sem a caridade de quem nos detesta #drama

CADÊ JORNALECO?

Fernanda Schimanski Bernardes Decepcionadíssima com a edição de julho deste jornaleco. Quer dizer, sequer recebi, pois chegaram para mim duas edições de JUNHO. Inaceitável esse tropeço.

Da redação: decepcionar é a especialidade da casa.

LATITUDES

Rafael Waltrick Feliz de poder participar de mais uma antologia de contos, dessa vez a de Literatura Fantástica, que será publicada pela Editora Tenha Livros. O livro terá versões impressa e digital e a pré-venda deve começar já no fim de agosto. Meu conto se chama “RX-9311” e é um sci-fi protagonizado por um operário que, em um planeta inóspito, se vê às voltas com um último serviço arriscado antes de se aposentar. Vale conferir o trabalho da Tenha Livros, que ano passado publicou uma bela antologia ilustrada de poemas. E agradeço novamente o trabalho e a dedicação das pequenas editoras, que são fundamentais para abrir caminho para quem está começando. Essa é a segunda antologia de que participo nesses últimos meses, ambas voltadas a histórias sci-fi e de horror. Um último adendo: tenho acompanhado os prêmios e os concursos literários por meio de uma newsletter do **RelevO**, a **Latitudes**, o que tem sido uma mão na roda. Assinem o jornal, que também reúne mensalmente belos textos e ensaios de autores bem diversos (a newsletter é o bônus).

CENTRAIS OLIM-PICAS

Bruna Machado Aparentemente, tenho meu lugar garantido na rinha de fãs de Harry Potter.

Iara Amaral Morri lendo.

Felipe Gollnick Jornal, o DepresSumô foi barrado nessa edição?

Monique Bonomini O tipo de olim-piada que a gente aprova.

Binder_em_Chamas Chegou hoje a minha edição de julho. E as centrais do jornal estão hilárias.

Maria Catarina Minha primeira publicação no melhor jornal possível.

Marcos Cestari Assinante vitalício. E ainda terei textos e poesia nessa grata descoberta que a lida na escrita me deu.

PROMESSA

Tarcila Bevaro As capas de vocês, meu Deus, eu vou assinar, juro, espera mais um cadim.

ENCLAVE

Ivan Jerônimo História que eu não conhecia: a antiga dupla de eletrônico KLF fez uma performance artística em que queimou um milhão de libras em 94. Via **Enclave**.

Caio Teixeira Soares Oi, amigos! Ótima edição :) adorei a ranhete do Chandler. Falando isso, por onde vocês recomendam iniciar a leitura dos livros dele, hein?

Do editor da Enclave: Olá, Caio! Muito obrigado pela sua leitura e pelo seu retorno. Resposta curta: *Sono Eterno* (1939), o primeiro (romance) com o Marlowe. Para mim, o *Longo Adeus* (1953) é a obra-prima, mas o *Sono Eterno* não fica muito atrás e, por ser o primeiro, acho que é perfeito como ponto de partida. Não há necessidade de ler esses romances em ordem cronológica. Aí, se esses livros te cativarem, ler o *Longo Adeus* depois talvez seja ainda mais proveitoso (em relação a começar por ele). Recomendo enfaticamente ler as edições da Alfaguara. Todas foram traduzidas e preparadas pelo Bráulio Tavares, com materiais extras muito cuidadosos. Só falta publicarem *A Janela Alta*, cuja tradução ele já entregou. Volta e meia aproveitamos algumas das belezas que encontramos nesses materiais na **Enclave**.

Lucimara Vaz Bom dia. Vocês querem sugestão para melhorar a **Enclave**? Impossível. Cada edição é um encanto diferente, com humor e inteligência. Só posso dar meus parabéns à equipe. Imagino como deve ser a convivência com essas cabeças pensantes/mordazes/criativas. Aquele abraço.

EITA

Alessandro Motta Por que eu iria assinar um jornal de papel? Pagar 60 reais... E todo mês ainda.
Da redação: Ao ano, ao ano.

Um jornal que ao menos paga

O **Jornal RelevO** carece de autopropaganda.

Desde setembro de 2010, nós fazemos três coisas bem e com certa naturalidade pública: 1) rir de nós mesmos; 2) dar pouco prejuízo e 3) forrar gaiolas de calopsitas e abrigos de cães no inverno. Nesta edição, resolvemos recuperar uma linha do tempo publicada na edição de setembro de 2020, quando completamos 10 anos de circulação, e resolvemos fazer uma edição comemorativa acima da nossa capacidade física e intelectual. Sim, requentamos conteúdo, agora com um designer e boas ilustrações, além de um e outro enxerto duvidoso. Não vemos problema em vestir a carapuça do cinismo comedido e do descompromisso. Aqui, não há qualquer margem para a autoimportância.

Prestes a completar 11 anos de circulação e começando a enxergar o fim da pandemia institucionalizada, voltamos frequentemente ao nosso passado, sempre deixando em segundo plano alguns alcances ou o que costumam chamar de feitos. Por exemplo, na prestação de contas deste mês, pagamos, a diversos autoras e autores, R\$ 840 retroativamente. Explicamos: desde setembro do ano passado, remuneramos todos os autores, autoras e artistas visuais de cada edição, assim como a equipe do Jornal (que já era remunerada antes). Resolvemos, de modo ainda mais incosequente, remunerar também todos que passaram por nossas páginas desde março de 2020, início da pandemia no Brasil. E, quase um ano depois de anunciar tal plano, terminamos de pagar, então, todos os autores de março a agosto de 2020.

Não se trata de um valor simbólico: nós *pagamos*. Não é esmola, não é favor, não é marketing para fomentar a ideia de um bom jornal (até porque pagamos um valor não muito pomposo e não somos financiados por um banco). Sabemos que não dá para convidar o símbolo para jantar, nem viver de divulgação. O pagamento que fazemos – R\$ 60 por publicação – pode ser revertido de quatro modos:

1. Receber o valor em conta bancária.
2. Trocar por uma assinatura (um ano) do **RelevO**, recebendo nosso periódico mensalmente em casa.
3. Receber 12 exemplares da edição com o texto ou a arte publicada.
4. Presentear alguém ou um ponto cultural no Brasil com a assinatura anual.

Não há qualquer predileção nossa por essas opções: a escolha é de quem publicou conosco. São opções factíveis, que envolvem materialidade e, principalmente, a não promessa de divulgação ou o retorno em outras instâncias do meio literário.

Ao todo, distribuímos R\$ 9.280,00 em 177 pagamentos, com recursos oriundos de assinantes e anunciantes, os quais, a cada mês, nos financiam, começam a nos acompanhar e renovam ou adiantam seus vínculos conosco.

Lembramos muito bem do receio que tínhamos de ir à falência em setembro do ano passado, com a ideia um tanto incosequente de incorporar mais gastos em um período tão delicado como o que estamos vivendo. Pois bem: desde que começamos a remunerar, aumentamos o nosso número de assinantes em 10%, sem mencionar os próprios escritores e escritoras, que passaram a nos assinar a partir da proposta de remuneração. Esse aumento de setembro para cá implica que voltamos ao patamar de agosto de 2020, o que já nos deixa bem satisfeitos, se pensarmos que tudo poderia ter sido *bem pior*.

Agradecemos a cada um que está conosco nessa peculiar jornada. Não estamos fazendo nada de extraordinário, apenas seguindo nosso modo de estar, o que inclui envolver, em um mesmo texto, escritores, editores e calopsitas.

Boas leituras a todos.

Oribê

A Oribê é uma editora que também oferta cursos livres on-line nas áreas de artes, cultura, humanidades, literatura e filosofia.

Confira em:
www.https://oribeeditorial.com/cursoslivres



**Livros novos e usados - Magic e Pokémon
HQ e Mangá - LP - CD - DVD**

@lumelivraria (35) 3622-4144
Lume Livraria (35) 9 9748-8040
livraria@lumecultural.com.br

Rua Coronel Rennó, 108 - CEP: 37500-015 - Itajubá/MG (Rua da Igreja Matriz)



ELISA PEREIRA

Poeta e Escritora

Produtora do Sarau @fuzue_literario
Contatos:
24) 99992-5516
face: doce.poesia
instagram: @elisapereira1975
site: www.elisapereira.com.br



Osny Tavares

Ensaïemos!

Um amigo me contou de seu rápido encontro com Umberto Eco em uma praia italiana, e eu imagino a cena conforme descrita: o célebre escritor estirado numa cadeira com a pança peluda ao sol, na qual apoiava uma revista do Pato Donald. Para o meu amigo, e para mim, a visão é um símbolo prosaico dos caminhos nem sempre óbvios pelos quais o pensamento sobre a cultura pode enveredar.

O **RelevO** é abrangente: vai de Homero a Hermes & Renato. Uma vez mais, retrata a diversidade formada pela nossa comunidade de leitores. A aculturação não é um domínio sobre o repertório do outro, mas o encontro de novas conexões e possibilidades.

Ensaio é gênero investigativo por excelência. Espécie de crônica acadêmica, tateia pubescente pelas áreas do saber especulando sobre o novo. É literário em seus recortes e filosófico em seus objetos. Este ombudsman é um grande fã do gênero, e encontraria alguma felicidade em vê-lo com mais frequência neste jornal.

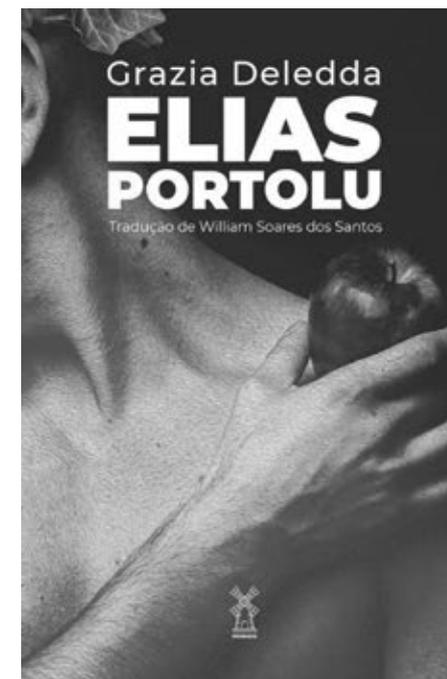
A edição anterior, de julho, trouxe um bom exemplo. Saul Cabral Gomes Júnior cruzou Heidegger e Clarice Lispector em “O Dasein clariceano”. O ombudsman, que leu nada do primeiro e algo da segunda, recebeu uma análise pessoal —suficiente em si —, que se projeta em direção a uma cátedra. O manejo conceitual em um campo distinto é ferramenta pedagógica e literária de grande valor.

O domínio teórico não é condição para uma boa leitura do texto. Ao contrário, o bom ensaio aproveita o ineditismo do leitor. Escapando ao risco do pedantismo, é possível ser leve, alegre e profundo, comunicando a um público de não iniciados.

O pool de autores e autoras do **RelevO** certamente encontrará muitas tangências dignas de serem rabiscadas.

Em uma pança larga cabem bibliografias das mais diversas.

APOIADORES



A narrativa de Elias Portolu se passa na Sardenha e é um dos livros mais intrigantes de Grazia Deledda, uma das poucas mulheres a ter sido agraciada com o Nobel de Literatura. O livro narra a história de Elias Portolu, que havia sido preso por pequenos furtos. Ao voltar para casa, é acolhido pela família, com a mãe, em particular, esperançosa de que a prisão lhe tenha ensinado uma lição. Durante sua ausência, seu irmão mais velho, Pietro, ficou noivo de Maddalena, que Elias nunca conheceu. Mas quando Elias conhece Maddalena, eles se apaixonam imediatamente um pelo outro. O resto do livro trata das consequências dessa amor. Pode parecer um simples romance, mas a escrita de Deledda, cheia de tensões, faz com que os leitores virem as páginas incessantemente desejando saber o que vai acontecer. Com tradução de William Soares dos Santos, que esteve na final do Jabuti de 2020, com outro livro de Deledda, A cidade do vento, Elias Portolu é o segundo livro da autora na Editora Moinhos.

www.editoramoinhos.com.br

PUBLIQUE SUAS HISTÓRIAS
PARTICIPE DE CONCURSOS
RECEBA COMENTÁRIOS
FAÇA SEU PORTFÓLIO
SEJA IMPRESSO

Faça parte da maior comunidade
 de literatura do Brasil
trema.com.br

Acontece nos livros

@noslivros /acontecenoslivros
 acontecenoslivros@gmail.com
 /acontecenoslivros @acontecenoslivros

editora **penalux**

Penalux
 Porque livros iluminam

www.editorapenalux.com.br
originais@editorapenalux.com.br

ALLEJO.COM.BR

UM

A edição de agosto marca o momento em que o Jornal RelevO conseguiu pagar todos os autores que publicaram aqui desde o início da pandemia.

JORNAL DE

Foram R\$ 9.280,00 pagos a 177 autores e autoras.

LITERATURA

QUE PAGA

Inclusive, até o diagramador responsável por esta página foi pago!

O grito

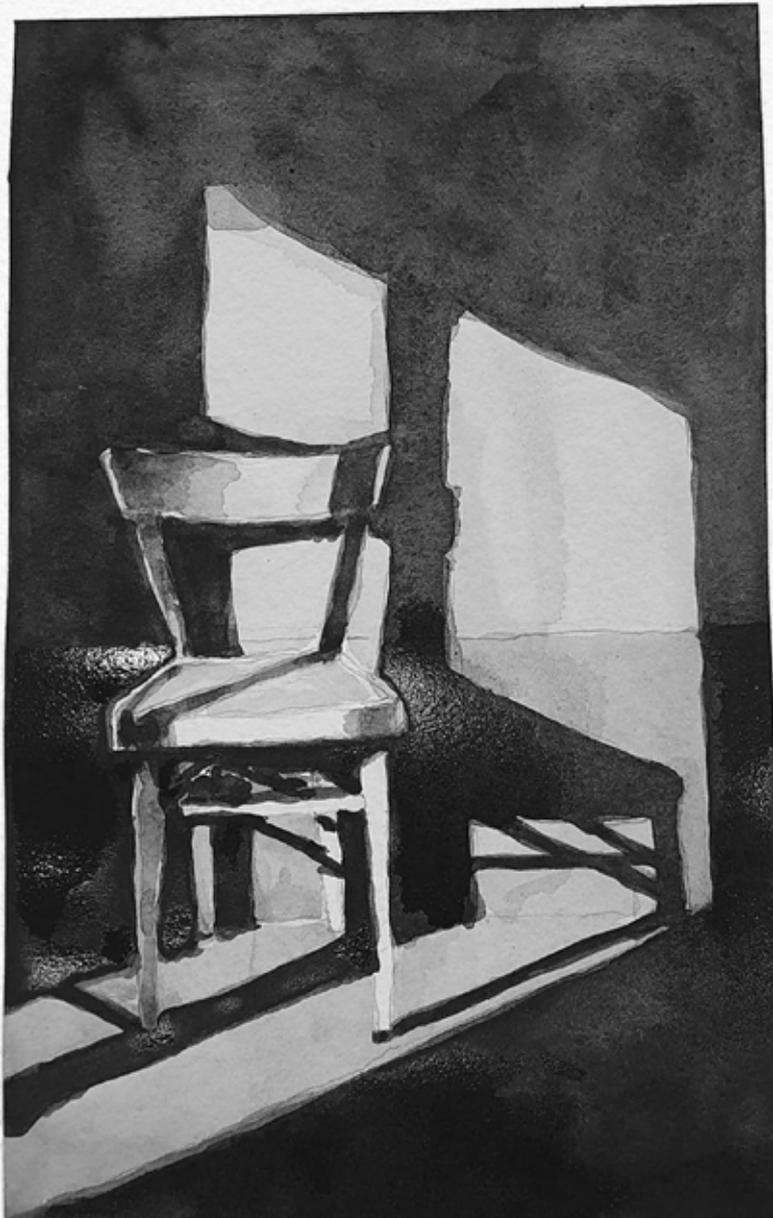
se ao menos esta dor servisse
se ela batesse nas paredes
abrisse portas
falasse
se ela cantasse e despenteasse os cabelos

se ao menos esta dor se visse
se ela saltasse fora da garganta como um grito
caísse da janela fizesse barulho
morresse

se a dor fosse um pedaço de pão duro
que a gente pudesse engolir com força
depois cuspir a saliva fora
sujar a rua os carros o espaço o outro
esse outro escuro que passa indiferente
e que não sofre tem o direito de não sofrer

se a dor fosse só a carne do dedo
que se esfrega na parede de pedra
para doer doer doer visível
doer penalizante
doer com lágrimas

se ao menos esta dor sangrasse



Luciana Rogoski



*Parecer técnico sobre o expurgo de livros da Fundação Cultural Palmares.
Por Ana Virgínia Pinheiro, professora da UNIRIO e bibliotecária aposentada
da Biblioteca Nacional, onde foi chefe da Divisão de Obras Raras.*

*O texto do parecer técnico pode ser acessado no link abaixo:
bit.ly/3zzdlo8*

Pré/Pós Radiologia: Lambendo a Página

Denise André

Pré/Pós Radiologia: Lambendo a Página

a cabeça entende	engole,
que a distância da cama	engole,
do chão promete	engole/
uma queda insuficiente/	olhos surdos,
a perda imagética	suspiro de
é de um corpo	uma boca alagada,
sem (graça) —————	um corpo derramado, —————▶ (leia auge)

- Patologia mundana

virou

causa intervencionista/

Perturbada por si mesma —————▶ [corpo ganha forma]

Grupo neurótico —————▶ [convulsão]

Laysllen



Penso agora o que nunca me veio:

vale abandonar.



"Deus não gosta das vociferações e dos discursos violentos — salvo daquele que foi ofendido", diz o Alcorão (4: 148). Mas Deus existe? E o que é uma vociferação? E um discurso violento? E o que significa ser ofendido? Ao abordar essas e outras perguntas, FGAM, a segunda coletânea de poemas de Felipe G. A. Moreira (doutor em filosofia pela Universidade de Miami com sanduíche na Universidade de Bonn), retrata: um tipo que se autointitula Deus à la Jesus ou Charles Manson (e.g., "Sobre a morte de FGAM", "Sequestro Público da Senhorita Saúde", "Ozymandias", "O crucificado..."); um homem abusivo que se acha abusado ou vice-versa ou que procura justificar o aparentemente injustificável (e.g., "Chuck Traynor", "José Sarney", "Eu sou o homem ambíguo...", "Eurico Miranda..."); uma mulher (e.g., "Harley Quinn", "Eva Braun", "Camilla Parker Bowles...") ou mesmo uma criança (e.g., "Macaulay Culkin") abusada, abusiva e/ou que tem uma concepção alternativa de amor; uma pessoa deprimida (e.g., "Pessoa deprimida...", "Veneza..."); uma pessoa que nem sabe muito bem quem ela é (e.g., "XXY") ou se ela é louca (e.g., "Lavanderia"); uma pessoa racista (e.g., "Rio de Janeiro", "José Dirceu") ou terrorista (e.g., "Abdelhamid Abaaoud") só que não só que sim só que, etc. Em suma, estão dizendo que FGAM é imperdível! Site para compra: <https://www.editorapatua.com.br/>.

Contato: www.felipegamoreira.com

À venda no site: www.editorapatua.com.br

ALMA NA CASA SOZINHA

Felipe Gomes

O poeta Felipe Gomes nasceu em 1984 na cidade do Rio de Janeiro, onde vive. Formou-se na UERJ: graduação em Letras, especialização e mestrado em Literatura Brasileira. É professor de Língua Portuguesa na Rede Pública Municipal de Ensino. Tem poemas publicados em diversos periódicos literários. *Alma na casa sozinha* (Editora Patuá, 2020) é seu livro de estreia.

"(...) há uma brutalidade jardim do desejo homoerótico perpassando vários poemas. Gosto muito da maneira como o senso de lugar, de Rio de Janeiro, se dá, sua verve de poeta cronista me seduz. Seus poemas são composições de anotações nervosas, com sentido de urgência. A poesia salta de frase a frase, numa sarabanda de deslocamentos. É a *sua* linguagem."

Italo Moriconi



Felipe Gomes



Aurora da Graça Almeida: perspectivas, tessituras e percepções plásticas

Ricardo Leão

Há tempos venho devendo um ensaio, uma crítica sobre a obra de uma das vozes femininas mais distintas da poesia maranhense. Refiro-me a uma poeta que já tem poesia no próprio nome: Aurora da Graça Almeida. Certamente, nesses tempos em que o feminismo não é apenas uma questão de afirmação política do feminino, mas uma luta sem trégua para que a mulher seja enfim reconhecida em todos os campos, a voz poética de Aurora da Graça reclama, cada vez mais, o devido reparo da crítica e a atenção que sempre exigiu entre nós.

A bem da verdade, a poesia maranhense, durante o século 20, foi ocupada por vozes masculinas poderosas, como a de Ferreira Gullar, José Chagas, Bandeira Tribuzi, Nauro Machado, o que certamente inviabilizou a apreciação de outras vozes, sobretudo femininas, no contexto da produção literária que se afirmou ao longo do período. É preciso, sem dúvida, considerar uma dose significativa de falocentrismo em tudo isso, uma vez que, apesar do Maranhão ter gerado a primeira voz feminina do romance brasileiro, Maria Firmina dos Reis, a presença de mulheres na produção local sempre esbarrou em um denso véu de silêncio e, porque não dizer, de preconceito explícito em relação à literatura produzida pelas representantes do gênero no campo literário.

Desde o século 21, Maria Firmina dos Reis e algumas vozes femininas solitárias têm disputado posições no campo literário massivamente masculino, e apenas a partir da segunda metade do século 20 é que escritoras e poetisas começaram a surgir e a ser reconhecidas com mais frequência no cenário da produção literária do Maranhão. Entre essas vozes constelares, que começam a dar uma feição peculiar e própria à literatura produzida por mulheres em um dos estados com um dos mais antigos e consolidados sistemas literários do Brasil, decerto figura a obra ímpar e fecunda de Aurora da Graça Almeida.

A obra de Aurora é uma das mais finas e elegantes que a literatura maranhense tem produzido nos últimos 40 anos, já devidamente consolidada, tendo chamado inclusive a atenção de alguns poetas e intelectuais nada invulgares, a exemplo

de Carlos Drummond de Andrade, Arlete Nogueira da Cruz, José Chagas, Carlos Cunha, Marcia Tiburi, e até mesmo um contato breve com Clarice Lispector, de forma que, a despeito de relativo silêncio crítico sobre sua produção, sua escrita atraiu e tem atraído a atenção meritória do campo literário e época em que tem produzido seus livros.

Certamente, o dilatado espaço de publicação entre as obras, somado ao fato de que Aurora da Graça não fez questão de ser outro medalhão do meio, ostentando sua presença e figura entre os escritores, contribuiu para que sua produção ficasse ao largo dos nomes que circulam com mais destaque entre os agentes do campo. Contudo, a despeito dessa ausência relativa, a produção de Aurora tem apenas crescido, tornando-se distinta desde o primeiro livro, *Cavalo dourado* (1977) até o mais recente, a coletânea de inéditos e de todos os demais títulos, *O tempo guardado das pequenas felicidades* (2009), no qual reúne uma vasta reunião de poemas, demonstrando um alentado e inventivo fôlego, o que confirma que sua contribuição para a literatura produzida no Maranhão ultrapassa os poucos títulos publicados em um intervalo considerável de anos, desde 1987, quando de seu *Memória da Paixão*.

Entretanto, o que exatamente Aurora da Graça Almeida tem a nos dizer em seus delicados versos? Qual exatamente a matéria com a qual trabalha, da qual arranca a tessitura de seus textos? Qual exatamente o sopro de angústia ou motivação existencial que conduz Aurora à expressão poética? Tais questionamentos, a despeito das respostas, são respondidos em parte desde o primeiro livro de Aurora, que já nasce com um estilo e uma expressão muito próprios, que nos revelam a cada livro uma poeta que não está preocupada com uma dicção grandiloquente ou, em outro sentido, desvelar-nos formas inéditas de composição e experimentos vanguardistas.

Aurora da Graça Almeida é uma poeta do humano, em todos os sentidos possíveis, mas de um humano que retira, da matéria do cotidiano e até dos eventos mais banais da existência, a matéria lídima de sua reflexão poética, marcada por versos e imagens que nascem de

construções discursivas eivadas de um ritmo espontâneo, muito pessoal, e que a aproxima muito de outras poetisas que extraem dessa mesma matéria o canto que as singularizou, pontuado pelo mais intenso e expressivo confessionalismo, como Adélia Prado ou Cora Coralina, por exemplo.

No entanto, não há nos versos de Aurora o diálogo algo religioso bem peculiar de Adélia ou as notas memorialistas de Cora Coralina. A trajetória de Aurora singra por outros oceanos, em que o diálogo com o divino ou com a memória tem outras tonalidades, muito próprias de uma mulher que deseja exprimir-se por meio da palavra não apenas pelo desejo de um exercício vocabular de natureza intelectual, mas porque há uma necessidade emocional e ontológica de manifestar o seu assombro e sua percepção da textura existencial, cujos fios são desvelados por meio de seus versos repletos de uma pulsante vitalidade feminina, como em *Esperança vã*:

A manhã me nutre de esperança
e não vens
a manhã me comove pela praça
e não vens
a manhã comparece e jorra luz
vaza telha transparente
e não vens
a manhã se mistura com a brisa
muitas águas maré alta
concretiza sua essência
e não vens
a manhã me insinua que tu vens
nalguma tarde
embriagada de manhã.

Dir-se-ia que Aurora extrai, portanto, do confessionalismo emocional a força da expressividade espontânea e genuína de seus versos, marcados por um ritmo natural, que é o ritmo natural do discurso, todavia atravessado por uma necessidade de dizer que desautomatiza a percepção das construções vocabulares mais comuns que, enfeixadas por meio de uma sequência repleta do *pathos* da experiência, da emoção e da percepção plástica da língua, explodem em verdadeira poesia, ainda que despida dos trajes austeros do verso de tons mais rebuscados. Isso porque a poesia

de Aurora não dá sinais de que pretende ser uma poesia rebuscada, pretensiosa do ponto de vista acadêmico, ou, como alerta magistralmente Drummond em uma correspondência à autora: “Vejo que para você a poesia não é simples exercício verbal, mas sim uma forma de existir e sentir-se existir, com emoção e percepção interna dos versos, das situações e das coisas.” E o mestre de Itabira conclui: “Poesia viva, portanto”.

E é dessa ordem de poesia, ainda rara entre os poetas brasileiros, da qual estamos falando. Uma poesia sumarenta, feita da mais pura matéria existencial, da própria vida do artista, que não tem a pretensão intelectual, no entanto, de ser apenas um artesão linguístico, um sofisticado e por vezes abstruso artista da palavra e da língua, mas simplesmente o artista que tem a necessidade linguística e artística de exprimir-se, de ser e de existir, e transformar em poesia o próprio tecido da vida, forjando, com o verso, uma arte que dispensa o exercício verbal que pretende rasgar o tecido linguístico da expressão, mas justamente aproveitar a pulsão erótica, a pulsão emocional, a pulsão da própria percepção, em estado de assombro, a fim de extrair, da matéria confessional, rasgos de uma expressão sincera, mas despojada. E, ainda assim, de uma genuína força poética, rara até mesmo entre as constituições poéticas mais consagradas, ou entre os poetas capazes de conduzir o idioma aos experimentos linguísticos mais radicais, e que, no esforço, perdem a comunicação com o humano e com a existência, forças que, quando ignoradas em uma obra poética, a tornam alienada, vazia, um belo objeto de arte pela arte, mas que não conta com a participação viva e vívida do leitor que busca, no verso, a transubstanciação da matéria inerte da existência e da vida em poesia.

Que outros artistas, ao longo do século 20, que também trilham por senda semelhante? Um nome, muito aparentado à poesia que Aurora cultivava, é o de Jacques Prévert, na França, e aqui no Brasil, além das poetisas já citadas, a voz de Carlos Drummond de Andrade, que também soube perceber a profunda conexão que há entre a confissão, através da força pulsante de uma poesia mais despojada, e a própria vida.

Aurora nos fornece a todo momento o testemunho disso em uma produção repleta de poemas curtos, entre outros menos curtos, onde a vida, em ritmo cativante, assalta-nos em uma delicada e sentida elegância verbal:

Estirada no varal do coração
escorre o que não digo ou sinto
a palavra
paz.

....

Contemplar a noite e vê-la arrastar-se
pelas entranhas dos que ainda esperam em vão
entre o que pulsa e o que adormece
em quietude
desafio constante entre desejos
afagos martírios e lembranças
viver

entre o escuro e o clarão prometido do dia
guardião de olhos abertos
sentinelas da espera

viver
enquanto te exclues
e te eximes de mim

...

Enquanto dormes
tua alma vagueia
engana teu sono
estremece tuas entranhas
deságua em tua boca
e move o insuportável.

...

Quisera não ter pernas
meu riso se espalharia

quisera não ter pernas
usaria minhas asas

quisera não ter mãos
o poema se calaria

quisera não ter olhos
o escuro seria imagem

quisera não ter alma
seria irmã do robô

quisera não ter febre
fosse brasa camuflada

quisera não ser estilhaço
que a palavra fere e cala.

...

Minha morte
não transmitam na televisão
não anunciem aos que não me amaram
não revelem aos que não souberam como sou
alegre ou contundente

abstenham-se de um choro que não quero
matriculem-se na lembrança mais longínqua
de vosso coração
não permitam que conversem ao meu redor
se tantas vezes ninguém me ouviu
tão perto de mim
não façam de meu silêncio definitivo
palco de vossas vozes excitadas
comedidas ou tranquilas

se tantas vezes o que disse
não tocou vossos ouvidos
agora não me falem o que não ouço.

...

A mulher veio primeiro
cabelos mais brancos que neve
pés expostos ao frio

o homem negro
sob chapéu de abas largas
cinza de cor seu paletó
pede poucos pães

o rapaz adentra
quer café quente e açúcar
cabelos negros de moldura
para sua face
bela

entra outras mulheres
com suas vestes rancheiras
aprumadas sob o frio de Minas
escolhem leite frio

sobre o balcão o caderno de notas
crediário para os que alongam sua dívida
de pão.

...

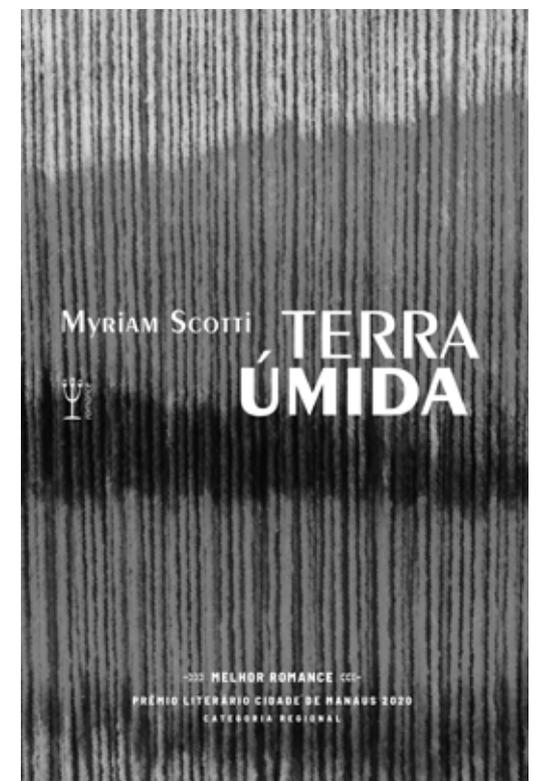
O café da manhã
me supre em seiva
me socorre
e só, corro
para o dia.

Tais exemplos, e muitos outros, servem para testificar a capacidade desassombrada e natural de Aurora de lidar com os elementos e recursos mais singelos, perceptíveis na gramatura do idioma, para fabricar a sua poesia de tons confessionais, emotivos e genuinamente poéticos. E isto é revelador de uma poeta que tem consciência absoluta do repertório instrumental que domina para obter os efeitos insólitos que alcança em níveis expressivos.

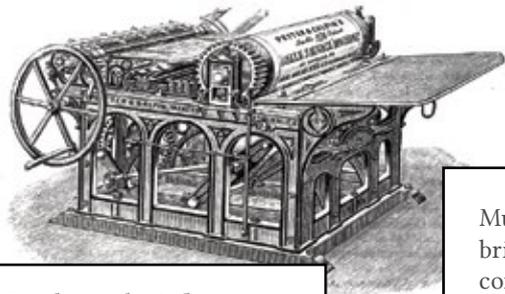
O grupo francês OULIPO (*Ouvroir de Littérature Potentielle* ou Ateliê de Literatura Potencial), em décadas de experimentação e pesquisa, chegou à conclusão de que a perfeita consciência das regras linguísticas e formais que permitem a produção do texto poético é que distingue os poetas mais talentosos daqueles que não têm absoluta consciência e domínio dos recursos expressivos que utilizam para a produção literária. Em outros termos, um poeta que afirma que não obedece regras e recursos formais para exprimir-se em termos poéticos é porque desconhece as regras e recursos formais que utiliza o tempo todo. Ou seja, não possui consciência de seu próprio fazer poético, porque todos, ao cultivar um artesanato qualquer, incluso o linguístico, desenvolvem também um conjunto de instrumentos próprios com o qual desenvolve um estilo, uma marca expressiva que os distinguem de outros. Com Aurora da Graça, tal inconsciência não se dá em nenhum momento. Utilizando de modo intencional uma expressão despojada e até mesmo singela, Aurora é

senhora completa do seu ofício, pois tem um absoluto domínio de seus recursos expressivos, uma vez que controla o fluxo verbal discursivo como poucos, tornando-se assim muito distinta da massa enorme de versejadores vulgares e prosaicos, que se esforçam sem sucesso por arrancar verdadeira matéria poética da confissão, mas não conseguem porque não percebem com agudez, perspicácia e sensibilidade o andamento rítmico da língua, a beleza plástica das ferramentas vocabulares, cujo mister não necessita de formação teórica ou absoluto empenho retórico e intelectual em dominar todo o repertório moderno ou clássico da versificação, mas tão somente uma consciência linguística sensível e fecunda, atributos que são fartos na obra de Aurora da Graça Almeida, a poeta que já tem, em seu próprio nome, uma pequeno poema que sela o seu fado, assinalando, assim, o nascimento à criação literária.

Muito além de uma simples professora que eventualmente faz versos, Aurora da Graça Almeida, com sua sensibilidade feminina ímpar e notória capacidade expressiva de lidar com a plasticidade espontânea da língua, produziu e tem produzido, nos quadros literários da poesia no Maranhão, uma obra singular, ornada com a simplicidade despojada de versos algo *prévertianos*, inundados dos ritmos e imagens da existência e do cotidiano, que também nos inundam de uma percepção da vida que, em tempos assinalados pela brutalidade e pela barbárie, exigem que retornemos à doce e singela poesia das auroras em estado de graça.



Linha do RelevO 2



Fundação do **RelevO** em agosto. A primeira edição sai em 2 de setembro, 1000 exemplares, oito páginas, erros de revisão grotescos, o editor estava apaixonado por uma das escritoras da edição, bela capa e conteúdo interno já duvidoso. Editor xinga o editor do jornal concorrente para a equipe e acaba enviando o email por engano ao editor do jornal concorrente.

Muito *gang bang* e mais brigas desnecessárias com *publishers* de outras publicações.



Mais conhecido como O Ano Em Que A Equipe Do **RelevO** Cheirou Tudo, Comeu Todo Mundo, Foi Comido, Bateu O Carro, O Escambau. Jornal volta a ter 24 páginas (tinha 32). Documentário sobre o **RelevO** fracassa por motivos extracurriculares óbvios. Hoje a mulher está casada com um sheik egípcio.



Editor do periódico espanca um velhinho picareta na FLIP. ♡



Jornal sobre pandemia e depois de de remunerar o além de pag mundo em d gráfica e Co. **Latitudes**, s newsletter do

2010

2011

2012

2013

2014

2015

2016

2017

2018

2019

20



Advento de um revisor, que depois se tornaria editor-assistente em 2015 e Diretor de Assuntos Internacionais do **RelevO** em 2023.



Surge a **Enclave**, primeira *newsletter* do Jornal, geralmente em hiato. Editor vende sua coleção de vinhos em uma madrugada para um vereador bêbado.

Jornal enfim chega a todos os estados do Brasil, consolidando seu plano de fracassar em perímetro colossal. Mais um documentário não acontece.



O editor posa nu algumas vezes para estudantes de Belas-Artes, termina um relacionamento longo e acredita que pode viver o *American dream* com jornal de papel e literatura.



Início das prestações públicas de contas e advento do cargo de ombudsman, que não funciona legal, na verdade, e traumatiza todos os ocupantes do cargo. Edição da Copa com distribuição fracassada, mas ninguém se importa, afinal não foi o Jornal que perdeu de 7 a 1. Time de futsal do **RelevO** é campeão do torneio de futsal de jornalistas do Paraná, e editor é escolhido principal jogador do torneio.

Editor do periódico se descobre viciado em planilhas do Excel. Isso muda tudo.



Tempo 20 Anos

vive à
até começa,
z anos, a
os autores,
ar todo
lia, incluindo
rreios. Surge a
egunda
o jornal.

Editor é artilheiro do Red Bull Bragantino na Série A, com 16 gols em 35 rodadas (perde três partidas por suspensão após agredir Liziero no Morumbi). Bragantino, enfim, se torna o primeiro clube RB campeão nacional.

Couto Pereira abriga o Primeiro Ciclo RelevO de Consumo de Substâncias Lícitas e Demais Especiarias, exclusivo para assinantes, sócios do Canal Premiere e fãs de Lewis Hamilton.

Equipe do RelevO quase morre ao praticar asa delta em Machu Picchu. Por decreto do Conselho Editorial, FLIP passa a se chamar FRITE. Circulação de editoriais do Jornal nas latinhas de Red Bull marca o primeiro momento da campanha Papel na Mão, Bala no Coração.

RelevO desiste de abrir o capital depois de anexar a Argentina e acabar com as estações-tubo de Curitiba só por achá-las de mau gosto. No lugar delas, Jornal banca a construção de “umas parada muuuito cyberpunk, velho”.

Com forte lobby na política federal, Jornal consegue a proibição da boina para homens. Maioria dos deputados troca o voto de aprovação com base na promessa de ser publicada no RelevO. Jornal não os publica, mas a lei passa tranquilamente pelo Senado.

2020

2021

2022

2023

2024

2025

2026

2027

2028

2029

2030

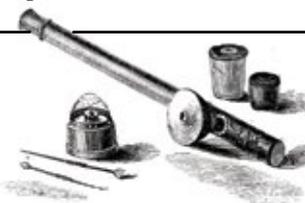
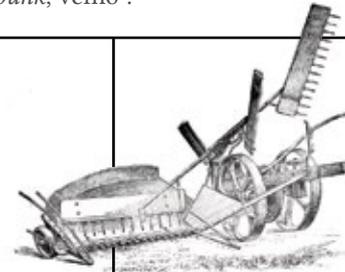
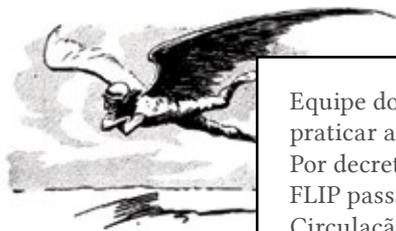
RelevO compra um prédio abandonado de certa universidade curitibana e faz aquela que é considerada a maior rave com animais exóticos de todos os tempos, com destaque para a participação de Gustavo Kuerten como mestre de cerimônias.

Sucursal do Jornal em Hong Kong é fundada com o objetivo simplista de procurar casas de ópio. Excursão asiática obtém sucesso parcial.

Editor pega Covid-19 em junho, emagrece 12 kg, retorna às atividades físicas com desempenho invejável, apesar do mental ser apenas aquilo que a gente chama de bolor de uma xícara de café não lavada há uma semana. Dezembro marca o início da “parceria” RelevO-Red Bull. Jornal é comprado por um valor pornográfico, e editor passa a exigir que o chamem de Sir.

Festa de aniversário do editor conta com o primeiro bunker de ofurôs da história, além do lançamento do primeiro energético com notas de papel-jornal. Cômico da dificuldade de ter uma empresa de charutos, o Jornal faz a edição especial Bole o RelevO, inteiramente à prova d'água.

RelevO se torna oficialmente um país ao comprar ilha minúscula na Oceania. Por razões tributárias, Red Bull transfere sua sede para lá e passa a ser controlada por uma holding chamada RellevO. Com o avanço da tecnologia tanto de drones como de carros autônomos, energético passa a literalmente dar asas. No Brasil, editor é preso por usar boina (ironicamente), mas paga fiança com assinaturas do Jornal. Aos 88 anos, Werner Herzog dirige o primeiro documentário sobre o RelevO.



E N C L A V E

a newsletter semanal do Jornal **Relevo**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>



o número do... Vangelis

O grego Vangelis (leia-se vanguélis, não vângelis) é um músico consagrado, consagrado demais. Ele é responsável pelas trilhas sonoras de *Carruagens de Fogo* (1981) e *Blade Runner* (1982), por exemplo. Prolífico, onipresente e longo, é natural que Vangelis tenha assinado inúmeros materiais para contextos diversos. Dessa forma, seu catálogo contempla desde música oficial de Copa do Mundo (2002) até a série *Cosmos* (1980), de Carl Sagan, que utilizou algumas de suas composições antes da popularização extrema do artista.

Dependendo da boa vontade, este grego pode ser visto como um mago do sintetizador e engenheiro da música eletrônica; também pode ser visto como um chato de new age ou sinônimo de composições datadas – ou tudo isso junto. (Estamos mais inclinados à primeira interpretação.)

E quem é jovem – como todo o corpo maciço da Enclave, composta de *millennials* que não coexistiram com a Iugoslávia – não teve acesso ao que Vangelis fez antes de ser o Vangelis, isto é, quando Eváγγελος Odysseas Papathanassiou era apenas um compositor/tecladista grego com um nome tipicamente grego tocando em uma banda grega.

A banda atendia por **Aphrodite's Child**, e seu último disco é uma obra-prima.

Essa informação pode soar quase ofensiva aos mais velhos, pois a Aphrodite's Child atingiu um sucesso notável na década de 1960, e seu vocalista, Demis Roussos (1946-2015), tornou-se uma estrela mundial. Roussos se apresentou diversas vezes no Brasil e, reza a lenda, lotou um Maracanã com capacidade para 150 mil pessoas – informação que não conseguimos confirmar em nenhuma fonte confiável.

(O fato é que Demis Roussos, notabilizado pelo figurino criativo e pela obesidade gradativa, foi um fenômeno setentista; se você, colega *millennial*, não o conhecia, é possível que seus pais ou avós o conheçam. Por sua vez, se você viveu o ápice da Aphrodite's Child, muito obrigado por ler a Enclave e contorcer nossa demografia limitada – compartilhe sua memória conosco.)

Os dois primeiros discos, aos quais não nos atentaremos, são leves, agradáveis, certinhos. 'Rain and tears', do primeiro, e 'It's five o'clock', do segundo, representam bem a combinação de arranjos limpos e voz angelical que caracterizava os filhos de Afrodite.

Mas o terceiro, meu amigo, o terceiro é obra do próprio Satã.

Gravado em 1970-71 e lançado em 1972 – quando a banda já havia acabado –, *666 (The Apocalypse of John, 13/18)* é uma obra épica e intensa cuja qualidade se sobressai tranquilamente a seu nicho. Isto é, não é necessário apreciar discos conceituais de rock progressivo ou ataques de megalomania da contracultura para compreender por que *666* é tão... bestial.

Todas as músicas foram compostas por Vangelis; e todas as letras, pelo diretor Costas Ferris. Juntos, eles elaboraram o conceito do disco, e as aspas a seguir derivam deste texto robusto de Mairon Machado, cuja leitura recomendamos aos interessados.

“ Costas [Ferris] escreveu um livro conceitual para o álbum, *666 (The Apocalypse of John, 13/18)*, e a ideia era simples: um grande circo com acrobatas, dançarinos, elefantes, tigres e cavalos mostrando um espetáculo referente ao fim do mundo. Enquanto o show ocorre com diversos efeitos de luz e som, algo estranho começa a acontecer fora do circo, que é a revelação da destruição do planeta Terra. O público acredita que o que acontece fora do picadeiro faz parte do show, mas o narrador começa a alertar a plateia que aquilo é real. Então, uma imensa e densa batalha entre o bem e o mal passa a ser travada, até que um deles vença!”

666 contou com o retorno do guitarrista Silver Koulouris, que havia deixado a Aphrodite's Child em razão do alistamento obrigatório. E guitarra era justamente o que faltava para o Pandemônio ser tão

<http://consultoriadorock.blogspot.com/2012/06/datas-especiais-40-anos-de-666.html>

expressivo. Com metais, flautas e outras adições variadas, a proposta da banda ficou completa: a melhor maneira de degustar essa empreitada ocorre com 'All the seats were occupied', penúltima faixa do disco, uma porrada de quase 20 minutos que basicamente repassa o álbum inteiro.

Ao contrário de tantas iniciativas de rock progressivo, que às vezes se perdem dentro da própria bunda, *666* não deixa a peteca cair em momento algum. As composições de Vangelis conseguem transitar por gêneros, arranjos e ideias. Basta ouvir 'Babylon', 'The four horsemen', 'The beast', 'The wedding of the lamb' e '∞' para testemunhar tamanho alcance – esta última consiste basicamente na obtenção de um orgasmo, o que não poderia ser menos *Carruagens de Fogo*.

Quem associa Vangelis à tranquilidade da *new age* ou Demis Roussos à candura de suas canções pode se surpreender ao deparar com uma combinação tão expressiva de fim de mundo, blasfêmia e orgia. Não pela surpresa, mas pela execução, *666* é um discaço e, como o próprio Apocalipse, não envelheceu nada.”

- Por onde começar com Vangelis? *See You Later* (1980). A faixa 'Memories of green' seria (muito bem) reaproveitada na trilha sonora de *Blade Runner*. Aliás, fãs de *Blade Runner* devem ter percebido (ou estranhado) ao longo do texto: o Aphrodite's Child lançou 'Rain and tears' em 1968; Vangelis, 'Tears in rain' com o filme. A música acompanha o monólogo final e foi reutilizada por Hans Zimmer em *Blade Runner 2049* (2017).

- Demis Roussos já foi refém do Hezbollah após sequestro do voo TWA 847 em Atenas. Ao longo dos cinco dias de sequestro, o cantor completou 39 anos. “Eles me deram um bolo de aniversário e um violão para cantar. Foram bastante educados conosco”.

sono pesado

Priscila Branco

há muitos e muitos anos, quando o mundo não era mundo, e o tempo caçava cações,
descobri uma cama no meio do mar.

os marinheiros mais famosos diziam que havia uma cidade perdida, exatamente na curva da Terra.

de vez em quando, algumas partes de um passado longínquo e inabitado ressurgiam das entranhas do oceano.

então uma cama, com seu manto florido e seus travesseiros estrupiados, flutuando nas ondas.

certamente, era uma afronta ao deus da história, apagador de fronteiras e assassinos.

e lá estávamos você e eu, invasores e descobertos, arqueólogos e arquivados, a balançar na
violência do tempo

e a cochilar dentro de tempestades e trovões.



Luciana Rogoski

Diane Myrurgia

Jader Corrêa



Ela andava nervosamente por entre as pedras soltas. Felicitou a si mesma por haver escolhido, para aquela ocasião, um sapato baixo e confortável, pois já... bem, o lugar lhe era conhecido. Sabia que, ali, não poderia usar os saltos a que se acostumara no asfalto.

Segurava a bolsa com firmeza junto ao corpo. Não que tivesse medo do roubo, ali naquele cais os assaltos eram comuns, mas ela não se permitiria relaxar agora. Sob o sol praiano de meados de março, por trás dos óculos escuros e sob a roupa de fazenda leve e cara, Diane Myrurgia suave abundantemente.

Dobrou uma esquina e parou. A um só tempo, o cheiro da maresia e a imagem da fachada do lugar que era o seu destino sufocaram-na, e ela levou instintivamente a mão ao pescoço envolto num mar de pérolas.

Portas e umbrais de madeira pintada, desenhos de figuras marinhas sobre o reboco de cor indefinível, alguns enfeites espalhados, a placa esculpida em madeira, pendurada perpendicularmente ao umbral da porta do meio. Diane não precisava ler a placa para saber o nome do moquifo — Suíte dos Pescadores, uma homenagem tola a um compositor baiano.

Respirando com dificuldade, Diane atravessou a rua e entrou no bar. O barulho que ouvira do outro lado da rua — homens conversando e rindo, bolas de bilhar chocando-se umas às outras — parou de imediato assim que sua figura alta assomou à moldura da porta.

Diane Myrurgia conhecia bem aqueles homens tão subitamente silenciosos. Fora para a cama com a maioria deles, algumas vezes enrabada até sangrar. Nenhum deles ousava cumprimentá-la: todos conheciam seu segredo, mas se calavam para evitar se envolver com sua sordidez e desclassificação. Numa das mesas do fundo, Diane pôde ver livros e cadernos, a lição interrompidas às pressas. Imaginou o rosto “dele”. 13 anos, deveria estar crescido.

Seu olhar caiu por instinto no balcão, mais propriamente nos olhos

da mulher do outro lado. Seus olhos se contraíram como os do felino que avalia um inimigo poderoso. Se tivesse as orelhas de um gato, elas estariam totalmente contraídas para trás. A mulher, de seios fartos e pele curtida e brilhante, basta cabeleira escondida num turbante africano, olhos de cor terrosa e boca carnuda, estava imóvel do outro lado da “trincheira” feita de mogno e metades de bambu, em meio às garrafas da aguardente que ela mesma fabricava. Diane respirou fundo, e falou como se apenas as duas estivessem naquele bar.

“Conforme o combinado.”

A mulher baixou os olhos como que assentindo e cumprimentando-a por ter seguido à risca o acordo. Encorajada, Diane permitiu-se dar dois passos para dentro do bar. Ao redor das duas, nenhum movimento ou som. Um pensamento divertido a assaltou. *Devem estar catatônicos com o cheiro do perfume.* Por um átimo de segundo, Diane lembrou-se do Polaco. Depois de enrabá-la, ele disse que a amava. Assim que voltasse da pesca naquele dia, iria levá-la embora. Polaco, o grandalhão louro de pele salgada, olhos verdes e mãos grandes, braços fortes, carinhosos, sorriso tímido. Polaco, o pescador que morreu no mar naquela mesma noite. O amor dá azar. Principalmente o amor de alguém como ela.

A mulher deu a volta no balcão e aproximou-se. “Duas feras se examinando antes da luta”, pensou Diane, ao mesmo tempo em que imaginou “ele” espiando por entre os fios da cortina de contas da porta da cozinha. Então a mulher enfiou os três dedos maiores da mão direita no decote do vestido de algodão vagabundo — o que fez Diane lembrar-se das blusas que usava para ser enrabada por aqueles pescadores — e tirou de lá um envelopinho marrom, estendendo-o em sua direção.

“Conforme o combinado”, a voz era rouca. Diane pegou o envelope, hesitou alguns segundos e enfiou-o na bolsa, sem desgrudar os olhos dos da outra, que demonstrou sua surpresa arqueando as sobrancelhas desenhadas e arreganhando um sorriso

dissimulado: “Não vai conferir?”

Diane não esboçou a menor das reações, ajudada pelos óculos escuros. Apenas estudou os olhos da negra. Era um desafio. Diane sabia lidar com desafios — enfrentara muitos naqueles treze anos. Forçou um sorriso e falou:

“Pode não acreditar, mas confio em você.”

Relanceou os olhos novamente pelo bar, encarou os pescadores um a um, e saiu. Assim que dobrou a esquina, parou e abriu a bolsa. Com os dedos de unhas bem cuidadas, abriu o envelope e contou o monte de notas que havia dentro. *Bem*, pensou, *isso paga os anos de enrabadas.* Sorriu, satisfeita consigo mesma por haver respondido à dona do bar da maneira correta. Não aprendera a se controlar à toa. Ergueu novamente o queixo, olhou-se no espelhinho — não, a maquiagem não borrara, mas mesmo assim precisou usar a esponjinha para secar um pouco do suor e refazer sua palidez. Guardou tudo de volta na bolsa, suspirou longamente, o sorriso novamente no rosto, e desapareceu por entre as paredes coloridas e o calçamento de pedras soltas.

No Suíte dos Pescadores, a mulher de turbante, em meio aos sons normais que pouco a pouco voltavam ao bar, gritou para dentro da cozinha:

“Filho! Pode vir, que teu pai já foi.”

O menino, ainda de olhos arregalados e narinas infladas pelo perfume que insistia no ar, voltou para sua mesa nos fundos.



Continue Voltando: histórias de recuperação
Lucas Jensen

Até onde vai a obsessão e compulsão humana? O livro de estreia do autor utiliza as narrativas orais, imortalizadas por Svetlana Aleksievitch, para retratar a vida de 12 pessoas reais que lutam diariamente contra a adicção e dependência química. Em passagens poderosas e linguagem sem rodeios o leitor é posto em contato direto com uma realidade avassaladora que responde à pergunta: existe vida após o uso de drogas?

Impresso: R\$46,77

Digital: R\$25,19

clubedeautores.com.br/livro/continue-voltando

Carlos Machado

Texto de apresentação de Paulo Venturelli

Há tudo em nossa memória: ela é uma espécie de farmácia, de laboratório de química, onde ao acaso se põe a mão ora sobre um calmante, ora sobre um veneno”, escreveu Proust em *A prisioneira*, quinto volume de *Em busca do tempo perdido*. Nesta narrativa de Carlos Machado, Olavo vive entre o calmante — as cartas de Joana — e o veneno — as constantes necessidades de mudança de local de moradia, até se estabelecer em Curitiba. Se a memória é tergiversante, o aqui narrado segue esta linha. O autor quebra a linearidade, usando camadas de tempo e espaço para contar o périplo de Olavo e Teresa desde a queimada da lavoura de café, o ouro verde, no norte do Paraná, até o impeachment de certo presidente.

A narrativa que se faz em camadas mostra seu painel plurilíngue trazendo ao leitor a voz do personagem central, Olavo, de sua esposa, Teresa e de sua filha, Joana por meio de cartas esperadas com muita ansiedade. A vida mecânica e rotineira do casal é revelada com argúcia pelo autor. Nesta rotina e sua mudança abrupta, buscar uma vida de sonhos numa praia no sul do Brasil, Machado tece bordadura cuidadosa, também lançando mão de espécie de puzzle que é entregue ao leitor para que este, com sua argúcia, inteligência e sensibilidade, monte as peças e crie sua visualização do que parece disperso numa primeira olhada. Desta forma, Carlos Machado mostra-se atualizado com a narrativa fragmentária que não se acomoda ao facilitário e nos incita a participar da tessitura verbal, conclamando cada um a pegar Olavo e Teresa pela mão. Assim, vamos compreendendo a dificuldade de adaptação em cada novo lugar, a perda da própria sensação de ser de Olavo, a saudade da filha e o quanto as cartas dessa trazem um refrigério para a face enrugada do dia a dia. As cartas também podem ser o canal para reentrar em contato com o real no entorno. Estando preso numa espécie de círculo, entre o escritório em que vendia madeira e a cabana à beira-mar, vivendo como pescador, o protagonista mergulha em certa metamorfose com suas multiplicidades e nos oferece uma série de questões. Entre as quais: até onde vai a medida do homem no transformar-se? Ou seja, qual a dose de calmante ou veneno de que necessitamos para nos equilibrar na corda bamba dos sucedâneos que é o viver.

Trecho de abertura de Por acaso memória (uma narrativa), *Arte & Letra*, 2021

1.

O único vínculo real que sobrou com a memória eram as cartas que Joana enviava praticamente uma vez por semana. Praticamente, porque às vezes a menina realizava passeios com a turma da escola — ou se perdia em outros pensamentos — e não tinha tempo para escrever. Uma vez por semana, o dia mais esperado por Olavo e Teresa.

Nem ao menos quando estavam sozinhos sentados no sofá ou deitados na cama podiam se lembrar com tanta certeza da realidade que os cercava, nem a memória do que se passou era tão presente. Em alguns momentos, esse lapso de recordação, se assim pode-se dizer, não se parecia triste ou alegre, simplesmente era. De certa maneira, tornou-se mecânico viver essa vida como agora estavam fazendo. A rotina, por certo, é muito difícil de ser quebrada, mas quando é modificada, que seja abruptamente, assim sempre

pensou Olavo. Isso não significa que ele tenha passado por poucas mudanças ao longo da vida, muito pelo contrário, sempre inquieto, mudando-se de casa em casa, cidade em cidade, trabalho em trabalho. É certo que sua própria vontade tenha tido um papel fundamental nas mudanças pelas quais passou, mas é também muito importante o papel do acaso. Por que escolheu Curitiba para morar? De que forma encontrou aquela casinha no fundo de um pensionato onde conheceu Teresa? Por que naquela manhã aparentemente como qualquer outra Matias Mattos entrou na loja em que trabalhava para comprar cores? Queria apenas um pouco de lixa para fazer um teste com uma madeira que não conhecia muito bem, pediu ajuda para Olavo e o acabou convidando para mudar novamente de rotina.

Nesse ponto, deve-se ressaltar que, muito embora inquieto, sempre pensando em mudanças, Olavo não

era desses que agiam antes do acaso. Ou seja, sua ambição e sua vontade de seguir adiante não o fazia modificar sozinho o rumo que sua vida tomava. “Sabe aquela história do campeonato de natação em uma ilha rodeada de jacarés? Pois essas pessoas deveriam saltar da margem deste rio até chegarem em uma pequena porção de terra a poucos metros de onde estavam, e deveriam cruzar o mais rápido possível, para não serem comidos pelos jacarés. Até um determinado momento, ninguém teve a coragem de pular na água, ficavam por ali apenas ensaiando, buscando forças e estratégias para realizar a prova. Até que de uma hora para outra, quase imperceptível e sem fazer barulho, um homem chega até o outro lado tornando-se o vencedor. Depois de descansar, o nadador foi entrevistado, pois todos estavam curiosos em saber como e em qual momento tomou a iniciativa de entrar na água e cumprir a prova. O homem,

mostrando-se nervoso e indignado, não respondia às perguntas, queria apenas saber qual foi o infeliz que o empurrou para dentro da água! Não teve escolha: fechou os olhos e foi, até que chegou do outro lado com o coração na boca.”

Assim funciona com Olavo.

Não tivesse lido a notícia publicada em todos os jornais do país no dia 16 de março de 1990, dois anos atrás, Olavo, provavelmente (sempre provavelmente), ainda estaria jogando dominó, sentado naquela casa de madeira, suando como nunca nas margens do rio Madeira em Porto Velho, esperando por Matias que o levaria para jantar no único restaurante da região (que na verdade era a casa de uma das moradoras da Ilha) e o apresentaria aos donos da terra. À noite, sonharia com o Boto Cor-de-rosa, com o Curupira e confundiria os vários estados do Norte do Brasil como sendo apenas um, divertindo Joana que havia acabado de aprender

na escola quais eram as capitais do Amazonas, do Pará e de Rondônia.

E foi assim, abruptamente, que Olavo, Teresa e Joana viram-se novamente em uma nova realidade. Foram jogados para cantos diferentes sem escolha de como deveria ser: Olavo e Teresa de um lado, Joana do outro. Por isso, a cada semana que passam nessa nova rotina, esperam ansiosos para mais um pouco de memória da vida que não têm mais. E antes mesmo que o funcionário dos Correios possa bater palmas na frente do portão, Olavo já o aguarda: entre algumas propagandas de lojas de materiais de construção, curandeiras e benzedeadas e o jornalzinho de pescadores da região, a carta de Joana.

O único vínculo com a realidade. Mas qual realidade?, pergunta-se. Ao menos consegue passar horas olhando para um ponto fixo no teto ou no horizonte, esperando por alguma resposta. São tantas as possibilidades, mas ao mesmo tempo está encerrado em uma invenção que não é a dele. É o responsável por isso, é o único que se deve culpar por toda essa transformação em suas vidas. Olavo tem dificuldades em olhar para sua esposa com os mesmos olhos curtos de quem sempre esteve tão perto.

Não está mais.

É um outro homem. Cada dia com mais dificuldades em se lembrar de como era, de como é e ainda de como será a partir desse momento. Sentindo o cheiro do mar todas as manhãs, procurando entre os infinitos grãos de areia um pequeno semblante de alguém dizendo bom dia e o chamando por um nome que não consegue reconhecer, só percebe que alguém está olhando para ele quando vê a sombra em seus pés. “Devem pensar que sou mal-educado quando me chamam e não olho”, disse Olavo para a esposa.

“Mas é apenas um nome, nada muda”, dizia Teresa olhando para a parede ao lado da cama. “Mas pode ser também que eles pensem que você não escuta bem, assim não tem problema se não responde aos cumprimentos de quem anda por perto, além do mais, veja meus pais quando chegaram ao Brasil e passaram a ter outros nomes,

ninguém sabia falar os nomes deles. A gente se acostuma”.

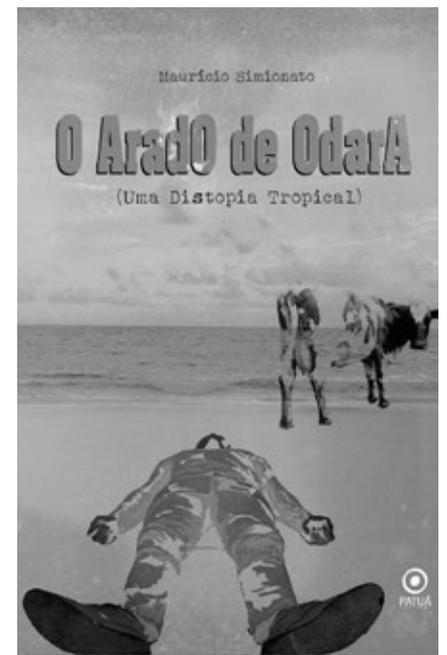
Desta forma os dois sempre fazem: sentados na mesa da cozinha, com a toalha xadrez colocada de maneira cuidadosa, o bule com a água fervendo e o pó de café do lado do pote de açúcar. Teresa coloca o coador no suporte, algumas colheres cheias de café, ajusta a xícara embaixo e despeja a água cuidadosamente para não se queimar. Faz calor, mas ainda assim o café é inevitável. O cheiro que se apodera da cozinha deixa-os mais próximos um do outro, mesmo se para Teresa o café tenha um gosto que lembra o inverno.

É como se ainda estivessem vivendo a mesma vida de tantos anos, em Curitiba, confortáveis no apartamento na Av. Batel. O café preparado pela manhã, antes de Teresa começar a trabalhar em seu atelier e Olavo ir para o escritório continuar com suas negociações, deixava um gosto de até logo, quando Joana ficava na porta da escola e, sorrindo de ponta a ponta, passava pelo portão correndo, já puxando as amigas que esperavam umas pelas outras antes das aulas começarem.

A carta de Joana deixada em cima da mesa, separada do jornalzinho dos pescadores e dos panfletos de propaganda: “Construa na praia e venha viver a vida dos seus sonhos”.

Olavo nunca quis. Nunca sonhou em morar em um pequeno balneário escondido no Sul do Brasil. Seria assim no sonho que ele nunca teve: acordaria todos os dias pela manhã, comeria um pedaço de pão caseiro com bastante manteiga preparado por sua mulher, um beijo de café na beirada da cama e caminharia despreocupado pela praia, usando chinelos de dedo, bermuda e camiseta branca, até chegar no ancoradouro, onde encontraria outros colegas preparando-se para partir. Procuraria uma pequena canoa pintada de branco, vermelha e azul, de modo a ter as três cores de seu time de futebol preferido, com o nome “Joana I” desenhado por um pincel caseiro de forma aleatória nos dois lados do casco. Junto ao seu melhor amigo, colocaria todo o material de pesca guardado no depósito do porto

para dentro da canoa, pegaria seu velho chapéu de dentro de uma sacola, arrumaria-o na cabeça, ajustaria as velas de modo a deixá-las preparadas para guardarem o vento que levaria os dois pescadores para dentro do mar. Jogaria as redes para os lados que pudesse alcançar, acenderia um cigarro de palha preparado com cuidado e em um tamanho suficiente para que desse tempo dos peixes acabarem no fundo das redes. Esperaria esse momento a fim de puxá-las novamente para dentro da embarcação, já pesadas com quilos de peixes e frutos do mar.



"O Arado de Odara, arrisco dizer, propõe-se a realizar um manifesto sócio-político-poético da atualidade. Maurício Simionato assopra a poeira do mundo por meio do verbo, com o olhar sensível aos detalhes presos nos fenômenos e nos acontecimentos atuais. Cada frame dessa distopia está catalogado, entrecruzado à musicalidade das movimentações - corpóreas e de pensamento - do homem",

*Amanda Vital,
poeta e editora*

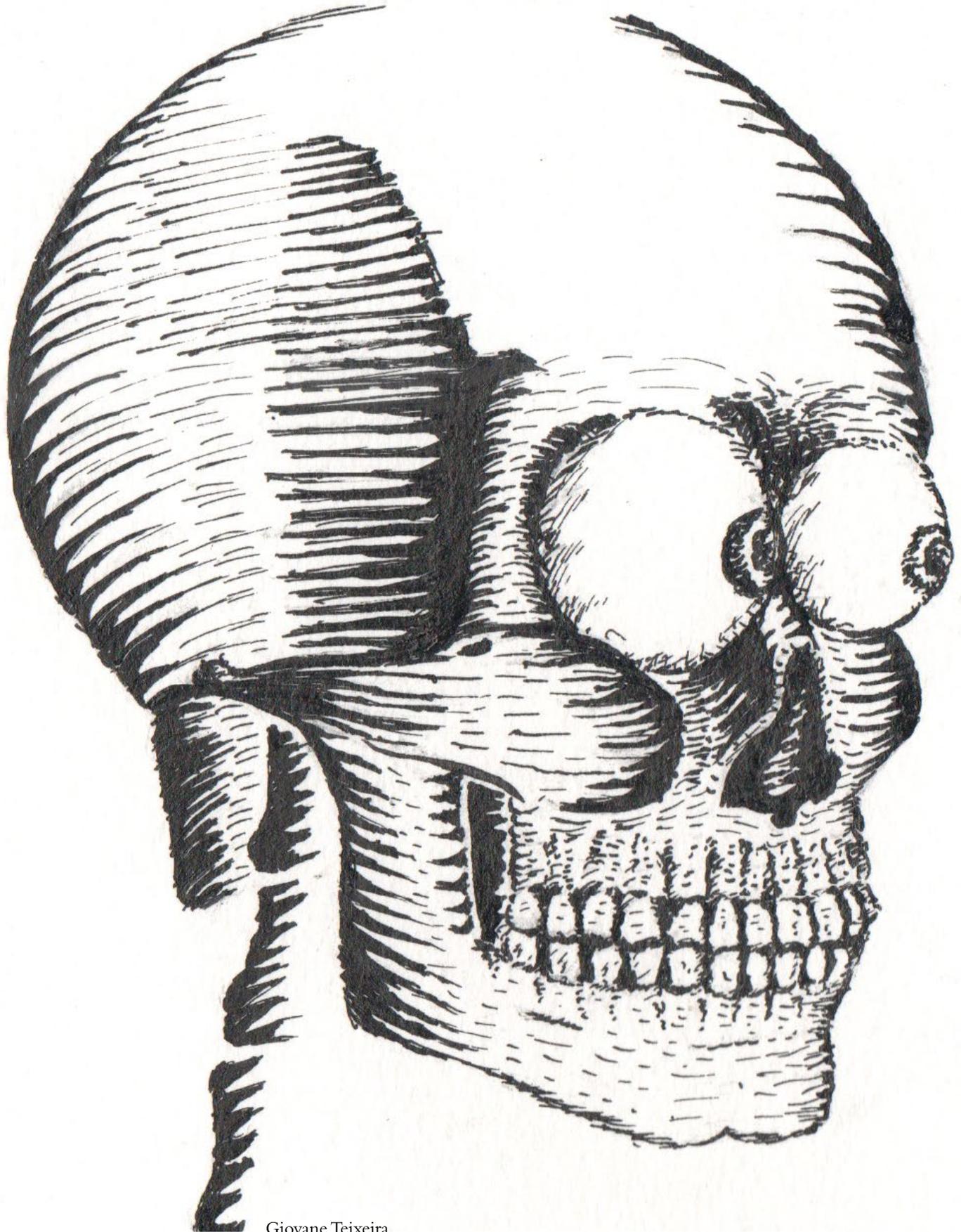
Maurício Simionato é poeta e jornalista. Lançou os livros de poesias "Impermanência" (2012, selecionado pela Secretaria de Cultura de Campinas) e "Sobre Auroras e Crepúsculos" (2017, Multifoco), este último lançado na Bienal de Literatura do Rio/2017.

O Arado de Odara, de Maurício Simionato, equivale a um passeio pelas várias possibilidades e modos de expressão da poesia contemporânea brasileira; em especial, daquela realizada pelos novos autores que aliam a inquietação, o inconformismo em face da "distopia tropical", à intensa sensibilidade lírica.

Claudio Willer

Pietà

Luiza Jardim

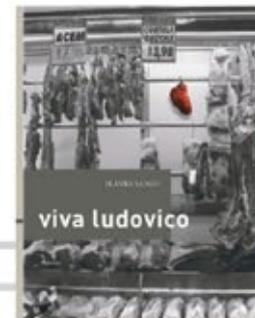


Giovane Teixeira

Os amigos da rua receberam o vídeo pelo WhatsApp. Para quê? A velha não quer ver. Precizou que ninguém inaugurasse os pésames, já havia antecipado em sonho o caminhão esmagado. Os pés metidos nos chinelos desde o fim da noite, ao som da introdução do Globo Repórter, esperavam só as batidas no portão. Vieram às quatro da manhã. Em vigília do lado de fora, uma pequena multidão quase recorreu ao par ou ímpar para decidir quem daria a notícia. “Eu sei. Morreu, não morreu?” Quase. “Desencarnou, mãe.” Aceitaria tudo, um copo d’água com açúcar, alguém querendo tutelar seu luto, até condolências da ex-amante do marido aceitaria, mas a tentativa de consolo da caçula espírita era demais. Com rapidez de leoa ferida, veste um penhoar sobre a camisola floridinha e atravessa correndo — agora não importa quantas décadas tem seu fêmur — o umbral da casa. O bando reunido mal consegue piscar, porque morte, ainda mais assim, repentina, é coisa que constrange todos os gestos. Lá vai a velha, acompanhada em silêncio por seu séquito, subindo a rua com as faces secas, que chorar é desperdício, e o passo ligeiro de quem detesta adiar tarefa. É uma loucura pragmática, a dela. Toma esquerdas e direitas, passa pelas casas enfileiradas, pela loja de ração, pela padaria que já deve ter empregado os ratos e as baratas na fabricação dos pães do sábado. Se existisse o fim do mundo, um canto para marcar no mapa onde foram perdidas as botas de Judas, ou a borda de um planeta quadrado cuspidos monstros nas esquinas, como temia a

homarada nos navios, ela tem certeza de que seria este, mesmo tão longe do mar: o Carvalho de Brito. Um dia, até passou por aqui a Central do Brasil, com trens levando e deixando um povaréu na Estação General Carneiro. Toda triangular, não tinha janelas, só portas, muitas portas, nove portas imensas de cada lado do triângulo, e mais uma cúpula que filtrava o sol e iluminava os cabelos das namoradas de luvas e sombrinhas, quando era possível a alegre existência de namoradas de luvas e sombrinhas. Mas isso foi um dia. Não são nem cinco horas, a nação dorme sem importunar seus mortos: ignora que existiu um Carvalho de Brito, que existiu um General Carneiro, que existiu alguma moça com os olhos ansiosos nos trilhos, que existiu até agorinha mesmo o filho de uma mãe, um que acaba de ser retirado das ferragens. Depois das ferrovias, as rodovias. Depois das rodovias, os caminhoneiros. Depois dos caminhoneiros, os caixões cobertos com bandeiras do Galo. A velha sabe que poderia ter sido em qualquer parte. Em Petrolina, no mês passado, antes dele trazer um colar de contas para cada irmã. Em Feira de Santana. Em Blumenau. Acontece que alguns homens buscam morrer perto de casa. Caçam colo. É o que explica aos bombeiros em tom de ordem, proibindo que ensaquem o cadáver ao lado dos destroços — eu fiz ele uma vez, gente, faço de novo. Ninguém desautoriza, ninguém eleva a voz quando é Nossa Senhora quem fala. Devagar, como deve ser o início de toda liturgia, ela se senta ao lado do corpo. Começa se ajoelhando, apoia

o peso nos calcanhares, tomba para o lado e estica as pernas à frente. Está pronta a cama. Puxa sua cria pelas axilas e aninha a cabeça no macio das coxas. Aqui e ali faltam porções do crânio esfacelado, mas ela recolhe os nacos de carne que vê ao redor e enxerta um por um, estudando onde cabe melhor cada pedaço. Fecha os olhos vidrados e a boca de dentes ausentes, limpa com a ponta do penhoar o sangue quase seco do nariz, das têmporas, das maçãs do rosto. O útero da velha engendra o filho do lado de fora, fazendo a vida de trás para frente, uma vitrola tocando ao contrário. O útero da velha são as mãos. A camisa foi rasgada no peito e nos ombros, uma pena não ter trazido a caixa de costura, que também serviria para reparar o lanho fundo no abdômen e esconder o osso se insinuando perna a fora. No mais, está perfeito. Como é bonito o seu bebê. Como é cheiroso o cabelo, mesmo com fumaça e gasolina. Ela beija as unhas roídas e conta um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez dedos nas mãos e dez dedos nos pés. Perfeito, sim, como no dia em que nasceu — e meio século depois, é tempo de nascer novamente. Tudo do começo. A alvorada, vinda do outro lado, já caiu sobre as casas, sobre a loja de ração, sobre a padaria, sobre a estação, e alcança o grupo atônito em volta do acidente no momento exato em que a velha mete o peito na boca rasgada do filho e balança um boi, boi, boi, boi da cara preta. Há quem diga que algo branco acaba de se derramar sobre o vermelho. Há quem diga que o menino, luzindo a manhã, engole.



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

Eu que falo dormindo.

Yan Rego

Viver é melhor que sonhar. Verso manjado de canção manjada que as pessoas tocam pra mostrar que manjam a vida. Eu faço o mesmo, mas não posso dizer que manjo a canção. Muito menos os sonhos. Agora tem best-seller de neurocientista, documentário da Netflix, série sobre Freud, filme sobre Jung, podcast sobre o mito de Morfeu. Eu não tenho a menor condição de escrever sobre sonhos. A menor condição. Eu falo dormindo e só escrevo sobre isso.

Toda vez que durmo com alguém, procuro avisar. Seja dividindo um quarto com seis caras que roncam e peidam, com a família quando me visita, depois de transar ou num ônibus lotado que cruza a Dutra de madrugada, sinto que deveria avisar: não se assuste durante à noite, eu que falo dormindo.

Falo por falar. Na verdade, armo um caô. Muitas pessoas já me acordaram dizendo que eu gritava coisas como vai se foder filho da puta; faz na mão, então; e vou te meter-lhe a porrada, seu merda. Mais assustado do que todos era eu ouvindo isso. Botando medo nos outros sem poder me explicar. Porque não sou violento, porque não tenho raiva de ninguém e porque me esqueço de qualquer sonho quando acordo.

Talvez isso tenha alguma coisa a ver com o homem da cabeça de chave inglesa, com as canções de ninar de minha mãe, com a avó do meu pai que sonhou com um bicho peludo se erguendo e caminhando nas duas patas, foi no milhar do urso, acertou e quebrou a maior banca de Nova Iguaçu. Também pode ser encosto, carregado de família, falta de magnésio.

Na primeira metade do século 20, o jogo do bicho já tinha tomado Nova Iguaçu e todo o estado do Rio de Janeiro. Mas meu bairrismo faz questão de registrar que o mineiro barão de Drummond, abolicionista dono de escravos e criador do primeiro bairro

planejado da cidade, criou também o primeiro zoológico. Tudo em Vila Isabel. O batismo do lugar garantiu uma licença imperial para a aquisição de animais e no princípio era a verba. Algum milico gritou que a mamata tinha acabado, a família real foi pra França e o barão, sem larjã, importou o jogo das flores mexicano e fez sua própria versão para manter o empreendimento. O figura morreu, o zoológico fechou, outro foi aberto exatamente na Quinta da Boa Vista. E o jogo do bicho cravou todas as suas patas no inconsciente coletivo carioca. A avó do meu pai ia jogar no macaco. Animal peludo que se levanta e anda feito gente, só pode ser macaco. O manguaça mais copo sujo que frequentava o bar dela falou: joga no urso, dona. Deu urso na cabeça, o cara ganhou uma garrafa de cachaça e ela saiu da Baixada direto pra uma casa própria no Grajaú. Isso sim é interpretação dos sonhos que diz a que veio. O resto é conversa.

Que hoje em dia parece ser um santo remédio pra qualquer problema. Até caganeira. Todo mundo me dizia pra fazer terapia, mesmo quem acha terapia uma palhaçada. Autoconhecimento é fundamental pra não dar bandeira das suas falhas. É preciso conversar pra espantar a loucura — os loucos conversam até com as paredes. Buscar explicações, porém, me dá sono. E dormir no ponto, meu parceiro, é um perigo.

Em 22 de junho de 1998, um carro bateu em um grande carvalho nos Estados Unidos. Eugene Aserinsky, de 77 anos, faleceu na colisão. De família judia da Rússia, morava em Escondido e fez descobertas pioneiras sobre o estudo clínico do sono. Entre elas, a existência de um estágio de rápida movimentação do olho, de intensa atividade cerebral, no qual ocorrem os sonhos — o sono REM. O morto e seus colegas Nathaniel Kleitman e William Dement inauguraram a

história contemporânea da Medicina do Sono. O legista não chegou a definir a causa do acidente. No entanto, levantou a hipótese de que Aserinsky tenha cochilado ao volante. Nenhuma das pessoas que lhe prestaram socorro pensou em pôr a mão sobre suas pálpebras fechadas. Não é impossível, portanto, cogitar que ele estivesse sonhando.

Eu ficaria no mínimo muito putado de passar 50 anos de minha vida assistindo o sono dos outros, dentro de um laboratório, pra morrer dormindo na direção. Já deveria ficar louco quando me contam do meu comportamento, com um pouco de pena e um muito de acusação. Eu, que só ronco bêbado e menos que um porquinho-da-Índia e que não cruzo o colchão com o corpo na diagonal, é que sou o problema. Eu que falo dormindo. E que se foda não ser normal violência assim, se de olhos abertos não me falta equilíbrio. Até que minha namorada me contou, enquanto eu tirava o cuscuz do fogo e ela passava o café, que sentei em sua barriga e tapei seu rosto com as duas mãos na noite anterior. Tudo em silêncio. Paguei logo um semestre de análise com uma junguiana meio-macumbeira-meio-gratiliz. Pra sair da rotina, ela me perguntou sobre minha mãe.

Dei trabalho, como bom primeiro filho. Tinha preguiça de mamar e um terror brutal de fechar os olhos. Logo depois de começar a andar, sonhei pela primeira vez com o homem de cabeça de chave inglesa tentando me espremer com um beijo. Madrugava no colo, no osso e na carne de minha mãe, e rebentava de chorar quando percebia que ela estava dormindo. Coberta de olheiras, ela acendia vela, me dava banho de folha passado por Seu Mata-Virgem e cantava pra me embalar.

*Cosme e Damião
Ó, Damião, cadê Doum? Doum foi passear
No cavalo de Ogum*

Os dois santos eram médicos, classe que ela nunca mais largou. Meu terror noturno marcou minha mãe e Rivotril nenhum deu jeito. Ela aprendeu comigo a virar as noites e não parou mais. Eu parei de lembrar de qualquer sonho e comecei a falar dormindo mais ou menos na época em que saí da casa de minha mãe, aos 16. Também parei de chorar. Pra não ter mais pesadelos, era um preço mais do que justo gritar um pouco e não alimentar um inconsciente tagarela.

Comi queijo de cabra uns 20 anos depois da última vez. A diarista da minha avó comparecia todo primeiro sábado do mês à buchada de bode mais famosa de Caxias. O dono do bar descolava o queijo pra ela. Minha intolerância à lactose passou e, no quinto dia útil do mês, comprei uma peça minúscula por 30 reais no mercado mais gurmê do Butantã. Acordei de madrugada com diarreia e passei o dia assim. Meus alunos me avisaram que eu estava verde, voltei pra casa antes de frear a cueca, no estilo pede pra cagar e sai. Dei 20 contos por duas garrafas de água de coco, comi banana verde pra estancar a merdelança, botei dois casacos e fui dormir. Sonhei.

Eu, minha mãe e minha irmã. Apartamento em que crescemos em Vila Isabel, e não a casa de Vargem Grande, no cu da Zona Oeste, onde ela morreu sozinha. Eu e minha irmã abraçávamos minha mãe e chorávamos. Tínhamos acabado de jogar suas cinzas na praia da Reserva. Espremida entre nós dois e um pouco indignada, ela disse: não morri ainda não — eu, hein.

Acordei sem febre e passei uma meia hora soluçando no escuro com a cara lambuzada de catarro em cima da privada. Esperando falar ao menos o nome dela e talvez um eu te amo, liguei o gravador e voltei a dormir. De manhã, vi que não falei nenhuma palavra.



Guilherme Novak

A LIBERDADE É AMARELA E CONVERSÍVEL

André Giusti



2ª edição

@editora7letras

f /7letraseditora

t @editora7letras

(61) 992842845

www.7letras.com.br

Na saída da curva, apertou de vez o acelerador e o motor encheu novamente. O ponteiro do conta-giro subiu trazendo de volta com ele o vento indomado da velocidade. A liberdade é amarela e conversível, foi o átimo de poesia que lhe veio à cabeça. Sorriu com gosto. Não tivesse as mãos ao volante, anotaria a frase para que depois de sua morte os netos a encontrassem em papel envelhecido dentro de um livro e a creditassem a autor desconhecido.



"Em *Quem sou eu: meu epitáfio*, Mayara Lima é humana e artista; procura esclarecer sua própria identidade em versos, encontrando-se em meio às inúmeras facetas experienciadas pelo ser humano na construção de sua identidade. Ora real, está no mundo da literariedade, e é comerciante, psicóloga, doadora de livros para bibliotecas; ora figurada, flutua no ar da linguagem poética e é metamorfose, contradição e contemplação."

Analice Chaves, poeta

Adquira seu exemplar em
www.e-galaxia.com.br/produto/quem-sou-eu-meu-epitafio

Jean-Paul Sartre

Tradução de Rita Correia Guedes

Trecho de O Existencialismo é um Humanismo.

Temos de tomar as coisas como elas são. Aliás, dizer que inventamos os valores não significa senão isto: a vida não tem sentido a priori. Antes de vivermos, a vida é coisa nenhuma, mas é a nós que compete dar-lhe um sentido, e o valor não é outra coisa senão o sentido que tivermos escolhido.

